

**O CABELO DA MULHER
NEGRA COMO SIGNO
IDEOLÓGICO -
REFLEXOS RACISTAS
VERSUS REFRAÇÕES
EMPODERADAS**

**BLACK WOMAN'S HAIR
AS AN IDEOLOGICAL
SIGN - REFLEXES OF
RACISM VERSUS
REFRACTIONS OF
EMPOWERMENT**

Tânia Regina Barreira Rodrigues

Bacharel em Letras; especialista em Educação e relações étnico-raciais; mestre em Linguística aplicada ao ensino de línguas; doutoranda em Linguística aplicada e estudos da linguagem. E-mail: tania_trbr@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo examina parte de um *corpus* de minha pesquisa de doutorado que investiga a construção da identidade pessoal/social de 10 mulheres afro-brasileiras, estudantes de pós-graduação em Educação, relações étnico-raciais e sociedade na cidade de São Paulo. Os fundamentos teóricos metodológicos dessa investigação se baseiam na pesquisa qualitativa. A análise dos discursos se apoia em uma perspectiva dialógica advinda do Círculo de Bakhtin. A coleta de dados foi conduzida pela técnica do grupo focal, e as discussões foram estimuladas pela leitura de contos e poemas considerados Discurso de Resistência. Neste artigo, recortamos parte dos depoimentos que apontam para a temática do cabelo crespo e seus estilos. O cabelo é concebido como signo ideológico visual e verbal. A partir desse pressuposto, observamos que os enunciados das participantes refletem condições adversas provocadas por ideologias que envolvem o cabelo crespo e provocam discursos que rebaixam a feminilidade da mulher negra, bem como a sua inferiorização social ao mesmo tempo que refratam a autorreflexão, contestação, autoestima, municiamento político e reveses rumo ao empoderamento social.

Palavras-chave: Signo ideológico. Cabelo. Mulheres negras. Racismo. Resistência.

Abstract:

This article is an extract of a doctoral research corpus that investigates the construction of the personal / social identity of 10 Afro-Brazilian women who were postgraduate students in Education, Ethnic-Racial Relations and Society in the city of São Paulo at the data collection time. The research methodology is based on the Dialogical Discourse Analysis from the Bakhtin's Circle. The technique conducted for data collection was the Focus Group. The group discussions were stimulated by the reading of short stories and poems, considered as Discourse of Resistance. In this article, we privilege the participants' statements that point to the theme of afro hair and its styles. The Afro hair is understood as a verbal and visual ideological sign. From this assumption, we observe that the participants' discourse reflect adverse conditions caused by ideologies that involve the Afro hair and provoke discourses that lower the femininity of black women, as well as their social status while refracting self-reflection, contestation and self-esteem, political empowerment and setbacks towards social empowerment.

Keywords: Ideological sign. Hair. Black women. Racism. Resistance.

Introdução

O objetivo deste artigo é fazer uma breve reflexão sobre os cabelos crespos e cacheados de textura africana como signo ideológico¹. Os dados aqui analisados são resultados de um estudo de doutorado que dá voz a 10 mulheres afro-brasileiras matriculadas em um curso de especialização lato sensu em Educação, relações étnico-raciais e sociedade na cidade de São Paulo entre os anos de 2016 e 2017. Através da técnica do Grupo Focal, as participantes leram contos e poemas cuja temática se refere a vida e cultura da população negra no Brasil. A leitura silenciosa e a discussão em grupo estimularam a autocrítica e a reflexão sobre o papel do negro na sociedade brasileira.

A metodologia dessa pesquisa é qualitativa e a análise dos discursos se apoia em uma perspectiva dialógica oriunda dos pressupostos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin. Neste artigo, 1) vamos expor brevemente os pressupostos teóricos-metodológicos que embasam a pesquisa, 2) fazer alguns apontamentos históricos sociais do cabelo de textura africana como símbolo identitário, 3) examinar alguns depoimentos retirados do *corpus* desta pesquisa que refletem e refratam o cabelo crespo como signo ideológico e 4) considerar alguns aspectos formais da língua.

A Análise Dialógica do Discurso

Os princípios epistemológicos da Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) são resultantes das reflexões teórico-metodológicas sobre a linguagem realizadas pelo ²Círculo de Bakhtin especialmente em sua produção intelectual da década de 1920. Não se trata de uma metodologia de pesquisa com procedimentos e regras que devem ser seguidos pelo pesquisador, mas reflexões filosóficas que oferecem um novo olhar para se pensar a linguagem. Brait afirma que:

Ninguém em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto *formalmente* uma teoria e/ou análise do discurso, no sentido em que usamos a expressão para fazer referência, por exemplo, à Análise do Discurso Francesa. Entretanto, também não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que Bakhtin, Voloshinov, Medvedev e outros participantes do que atualmente se denomina *Círculo de Bakhtin* jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada, esse ensaio arrisca-se a sustentar que o conjunto das

¹ VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico da ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo São Paulo: Editora 34, 2017; VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo São Paulo: Editora 34, 2019.

² O Círculo de Bakhtin era composto por um grupo de intelectuais russos com formações diversas, mas que tinham em comum um olhar minucioso para as nuances da linguagem. Nesta investigação, prestigiamos especialmente algumas das obras de Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pavel Medvedev (1832-1938). Para saber mais sobre a história do Círculo, ver Brait & Campos (2009).

obras do *Círculo* motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso, perspectiva cujas influências e consequências são visíveis nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas de maneira geral³.

Para o Círculo de Bakhtin, os estudos sobre a linguagem não devem ficar limitados ao estudo do signo linguístico, isto é, a língua como um sistema de formas e normas imutáveis. Quando os falantes usam a língua, eles se voltam para o enunciado/discurso. Os ouvintes se preocupam com verdades, mentiras, algo bom ou ruim, relevante ou irrelevante e não com formas linguísticas. Os autores não negligenciam a importância do estudo da língua como sistema, mas acreditam que para investigar a linguagem devemos levar em conta principalmente as práticas discursivas. É preciso que se observe todo o contexto sócio-histórico que envolvem a produção dos enunciados/discursos e suas relações dialógicas com outros enunciados/discursos. A distância socio-hierárquica entre falantes é muito relevante porque determina a construção de um enunciado e o sentido geral do discurso, ou seja, os temas, entonação, escolha das palavras e a sua disposição. Segundo Volóchinov⁴, a criação ideológica, isto é, os estudos sobre ciência, literatura, religião e moral etc., estão ligados aos problemas da filosofia da linguagem. Os signos ideológicos estão relacionados aos pressupostos socioeconômicos essenciais da existência de um grupo. Para Volóchinov⁵, não ouvimos enunciados, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou ruins, relevantes ou irrelevantes, por isso, estabelecer uma ruptura entre a língua e seu conteúdo ideológico é um dos erros mais graves para o analista da linguagem.

Considerações sobre o cabelo crespo como signo ideológico e símbolo identitário

Cabelos são pelos localizados na região da cabeça, compostos basicamente de carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio e enxofre. Sua função é proteger o couro cabeludo do frio e da radiação solar. Entretanto, quando cabelos se tornam um fenômeno ideológico, sua significação assume um caráter sócio e eles passam a ser concebidos axiologicamente sejam por sua cor, textura, comprimento, penteado etc. Uma vez signo ideológico, eles passam a refletir outras realidades sempre em relação a outros signos. Os cabelos não perdem a sua essência natural, mas acumulam novos valores. Essas valorações se cristalizam nos discursos, refletem e refratam ideologias.

³ BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin outros conceitos chaves*. São Paulo: Editora Contexto; 2016, p. 9.

⁴ VOLÓCHINOV, 2017.

⁵ VOLÓCHINOV, 2019.

Segundo Byrd e Tharps⁶, em grande parte da África ocidental do início do século XV, o estilo de cabelo usado pelos seus cidadãos não era uma questão de modismo, mas fazia parte de um complexo sistema de linguagem que revelava o estado civil, idade, religião, identidade étnica, origem geográfica e posição social das pessoas na comunidade. Na maioria destas sociedades, o cabelo era um símbolo indelével de identidade. Ainda hoje, na África e em outras regiões do mundo, o cabelo excede sua função essencial para assumir uma significância ideológica, seja ela, espiritual ou política, como por exemplo, o estilo *dreadlocks* adotado pelo movimento religioso jamaicano *rastafari* ou o estilo *black power* que se tornou símbolo de resistência negra nos anos de 1960 e 1970 incentivado pelo partido norte-americano Panteras Negras.

No Brasil, além de o cabelo crespo ser um símbolo identitário inequívoco, pois aponta para um grupo de pertencimento por ascendência, também possui um forte caráter sógnico por se tratar de um grupo considerado minoritário na sociedade brasileira, não em um sentido quantitativo, mas efetivamente qualitativo. Como signo ideológico, o cabelo crespo aponta para temas relacionados ao racismo, lutas de classes e resistência.

Segundo Fanon⁷, a escravidão do negro não está na ideia que fazem dele, mas na sua aparição. Isso porque a cor de sua pele, seus traços e cabelos são inconfundíveis e não podem ser facilmente dissimulados. A diáspora africana carrega no corpo uma história marcada pelo tráfico negreiro, escravidão, colonização, resistência e emancipação. Os cabelos crespos, como parte do corpo negro, são signos que apontam para essa trajetória, e as palavras que os descrevem frequentemente têm o poder de nos reaproximar do passado escravocrata e de perpetuar ideologias racistas.

Comumente, diz-se dos cabelos crespos que eles são ruins, difíceis, teimosos, rebeldes, armados, que definitivamente precisam ser domados. Essas valorações podem ser encontradas em rótulos dos produtos para cabelos crespos e cacheados em qualquer estabelecimento comercial do país e, normalmente, elas não são questionadas pela população porque fazem parte do senso comum. Todavia, não são palavras ingênuas visto que carregam uma carga ideológica que é internalizada pelas consciências individuais e, conseqüentemente, prejudica a vida de milhões de afro-brasileiros. São palavras normalmente associadas às atitudes marginais, àquilo ou àqueles que não se adaptam ou que não respondem positivamente às demandas sociais. Essas palavras também fazem alusão a um passado de escravidão cujos valores morais distorcidos se cristalizaram nos discursos e resistem ao tempo. Época em que um escravo guerreiro que se recusava a aceitar o cativo e a dominação era considerado um criminoso na sociedade.

⁶ BIRD, Ayana; THARPS, Lori L. *Hair story: untangling the roots of black hair in America*. New York: St. Martin's Griffin, 2001.

⁷ FANON, Frantz. (Tradução de Renato da Silveira). *Pele negra máscara branca*. Salvador: EUFBA, 2008.

Para Volóchinov⁸, as palavras podem ser entendidas como onipresentes porque estão presentes em todos os lugares e nos mais variados tipos de interação verbal. Elas são fundamentais para entender as mudanças ideológicas através dos tempos.

A significação e representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional da sua estrutura sígnica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano da ciência das ideologias. É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sígnica.⁹

Quando compreendemos o cabelo crespo como ruim, certamente não nos damos conta que semanticamente estamos lhe atribuindo as seguintes predicções:

ruim /u-ím/ adj.2g (sxv cf. FichlVPM) 1 destituído de préstimo; sem valor; inútil [...] 2. Cujo desempenho é insatisfatório [...] 3 que não faz bem, que prejudica; nocivo, pernicioso 4 que tem má índole, que é dado a fazer crueldades com os outros, malvado, mau, perverso 5 que se mostra desagradável para com os outros; irritadiço [...] 6 que está em estado de decomposição, estragado, podre, deteriorado 7 com defeito; imperfeito, estragado 8 que não atinge um padrão de qualidade aceitável; de qualidade inferior 9 que causa sensação desagradável [...] 10 que apresenta dificuldade; árduo, difícil [...] 11 que não é oportuno, infeliz, infausto [...] 12 de que não se obtém proveito; escasso, pobre, improdutivo [...] 13 que decorre de avaliação desfavorável, desabonadora [...] 14 que peca por inexatidão; incorreto, indevido, impróprio [...] ¹⁰

A palavra “ruim” desabona qualquer situação e deprecia qualquer objeto. Ora, o cabelo crespo somente pode ser considerado “ruim” quando faz oposição a um outro signo ideológico: o cabelo liso, que é considerado “um cabelo bom”. Para Gomes¹¹, essa contraposição de valores evidencia o conflito racial entre brancos e negros na sociedade brasileira.

Com efeito, somente através da perpetuação de ideologias e sua materialização nos discursos é que se pode manter a ordem de uma estrutura social. Desde os primórdios da idade média, tanto os cabelos crespos como os cabelos lisos assumiram posições antagônicas e, o afrodescendente, metonimicamente representado pelo cabelo, ainda carrega o jugo da dominação cultural, política, econômica e social iniciado na escravidão nas américas. Para esse fim, os cabelos crespos continuam a ser sistematicamente subjugados nas ideologias do cotidiano.

Quando concebemos o cabelo crespo como signo ideológico e lhe atribuimos valorações tão negativas, certamente ele passa a sinalizar medo, ódio e repulsa no inconsciente coletivo. Essa valoração, consolidada nos discursos internos e externos, faz com que o cabelo crespo se torne um objeto sígnico vulnerável aos mais diversos tipos de violência. Gomes¹² afirma que:

⁸ VOLÓCHINOV, 2017.

⁹ VOLÓCHINOV, 2017, p. 99.

¹⁰ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001, p. p. 2482.

¹¹ GOMES, Nilma L. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. São Paulo: Autêntica, 2006.

¹² GOMES, 2006.

No Brasil, o racismo, a discriminação e o preconceito racial que incidem sobre os negros ocorrem não somente em decorrência de um pertencimento étnico expresso na vida, nos costumes, nas tradições e na história desse grupo, mas pela conjugação desse pertencimento com a presença de sinais diacríticos, inscritos no corpo. [...]¹³.

A maioria das mulheres desejam ter cabelos atraentes, pois eles simbolizam feminilidade, sensualidade e beleza. Indubitavelmente, os cabelos lisos incorporam esses atributos no imaginário da sociedade brasileira. Além disso, se forem loiros, também denotam opulência e poder econômico. Essas representações são alimentadas pelos meios de comunicação, livros didáticos e lamentavelmente também pelos brinquedos infantis. Uma mulher branca com cabelos compridos é sinônimo de feminilidade, uma mulher negra com cabelos crespos e volumosos enfrenta muita discriminação e hostilidade. Para Banks¹⁴, os cabelos crespos, que um dia foram enaltecidos no oeste africano, tornaram-se um símbolo de inferioridade quando os africanos chegaram às Américas escravizadas.

Algumas das participantes deste estudo relataram que possuir cabelos crespos, sejam eles usados em estilo natural ou trançados foi motivo de *bullying* na escola durante a infância e adolescência e de discriminação no trabalho na idade adulta. A maioria das participantes tiveram os cabelos alisados ainda na infância como forma de “proteção” e todas relataram experiências muito desagradáveis em relação ao próprio cabelo. Passemos então para a descrição, análise e interpretação de alguns depoimentos cuja tema é o cabelo do negro.

Depoimentos - o cabelo crespo das crianças afro-brasileiras

A leitura do conto Impressões de uma infância¹⁵ levantou a temática do alisamento dos cabelos nas crianças afro-brasileiras nos encontros de grupo focal. Inspiradas pelo conto, as participantes recordaram sua experiência com o cabelo durante a infância. Viviane (nome fictício) foi a primeira participante do grupo a se manifestar. Ela é assistente social e na época da geração de dados, ela tinha 34 anos de idade. Com tom um pouco relutante, ela relatou como o pente de ferro alisador de cabelos e o creme alisante lhe provocaram feridas ao terem contato com sua pele. Sua mãe a levava para alisar o cabelo em um salão improvisado na área de serviço de uma vizinha. Em outras ocasiões, era sua tia quem lhe alisava os cabelos com o creme alisante. A maioria das participantes viveu experiências semelhantes em relação ao cabelo durante toda infância, juventude e idade adulta.

¹³ GOMES, 2006, p. 31.

¹⁴ BANKS, Ingrid. *Hair Matters: beauty, power, and Black women's consciousness*. New York and London: New York University Press, 2000, p. 17.

¹⁵ MARTINS, Silvana. Impressões de uma Infância. In: *Cadernos Negros*. São Paulo. Quilombhoje. 2013. V. 36: contos afro-brasileiros.

Era horrível, horrível! A gente sentava lá, aquele cheiro de cabelo queimado, quando não queimava a nossa orelha, cabeça, ((risos)) [...] a gente não podia se mexer; pensa numa criança assim. ((risos)) né, a testa, a gente não podia se mexer porque o pente quente podia machucar a gente, né. E quando não era isso, era o Tasteful. O antigo Tasteful era uma química muito forte. Eu tinha uma tia que passava muito Tasteful no nosso cabelo. Ela sentava a gente do lado do tanque e passava aquele negócio na nossa cabeça, parecia ácido, queimava a cabeça, a cabeça ficava cheia de feridas. A minha infância toda foi esse processo, né, e depois de adulta que eu me vi enquanto negra e a questão da representaçã/da representatividade. Eu não tinha uma boneca que se parecesse comigo, tudo na, na TV, né, todos os meus ídolos, eram todos brancos, né. Então a minha vida toda, a minha infância e até a minha juventude foi assim também.

Neste relato, a participante também levanta a questão da falta de representatividade na sua infância e juventude. Representatividade significa poder ver a sua imagem refletida nos construtos sociais e ter os seus interesses verdadeiramente representados nela. Ora, a criança afro-brasileira jamais teve qualquer sistema de representação que a inserisse socialmente. O Brasil escravocrata lhe negou a condição de ser criança e, quando finalmente obtém o direito de brincar e estudar, todas as suas bonecas são loiras, os clássicos infantis da escola são predominantemente europeus, a maioria dos desenhos animados da televisão e os super-heróis são representados por norte-americanos brancos. Na verdade, esses signos carregam valores que remetem às crenças da supremacia branca e eles estão por toda parte. Essa ideologia corrobora com os objetivos da classe dominante brasileira de manter o controle dos bens de consumo e das produções culturais. Esses signos exercem um papel de soberania sob outros e são autoritariamente inseridos nas consciências individuais.

Segundo Beneduzi¹⁶, a exclusão do negro nas representações nacionais teve início na época da independência. Quando o Brasil iniciou o processo de constituir-se como nação, emergiu também a necessidade de se construir uma identidade nacional. Já neste período, os brasileiros desejaram se aproximar dos europeus. O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro foi a instituição responsável pela elaboração da identidade nacional brasileira. Naquela época, foram usadas as imagens do imperador D. Pedro II, das grandes monarquias europeias e as maravilhas das terras brasileiras. A representação nacional elevou a imagem do “bom português” e do “bom selvagem”. O bom selvagem era o indígena. Assim, o maior país escravocrata das américas eliminou a população negra de seu imaginário. Ainda hoje, muitos brasileiros se sentem confortáveis em assumir sua ascendência indígena, mas rejeitam a sua ascendência africana.

Para Volóchinov¹⁷, a criação ideológica somente pode ser explicada a partir de seu material sógnico. Os signos foram criados pelos homens e atuam como meio de comunicação entre eles. Os

¹⁶ BENEDUZI, Luis F. – *Antítese*, v. 4, no 7, p. 13-30 jan.-jun., 2011 Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 03 maio 2020.

¹⁷ VOLÓCHINOV, 2017.

signos são inseridos à força nos limites da consciência individual e têm como característica a capacidade de refletir e refratar parte da realidade social. A realidade refletida pelos signos é constituída por valores e crenças sociais que são refratados na luta de classes, quando então assumem outras significações.

A participante Rosana (nome fictício) é professora na rede municipal de São Paulo. Na época da geração de dados, ela tinha 34 anos. Ela relata que jamais alisou o cabelo. Sua mãe sofreu queimaduras grave no couro cabeludo devido à produtos químicos para alisamentos, por isso, não permitiu que sua filha fizesse o mesmo.

Então ela (minha mãe) sempre fez penteadinho, aqueles coquinhos [...], inventava muito na minha cabeça. [...], mas, eu sofri muito na escola porque só eu tinha aquele cabelo, né. Eu estudei em um colégio particular e só tinha brancos e eu tinha o meu cabelo assumido [...], eu era motivo de chacota porque só eu com aquele cabelo, e todo mundo pegava. “Ah é de verdade? Ah, Bombril.”

Rosana foi a única participante do grupo que jamais alisou os cabelos; como consequência, teve uma vida escolar marcada pelo *bullying* por causa de seu cabelo crespo. Pelos relatos das participantes, podemos concluir que os signos ideológicos relacionados ao racismo influenciam a maneira de os indivíduos conceber o mundo e a si mesmos já em tenra idade. Estudos mostram que as crianças negras assimilam aspectos negativos referentes ao seu corpo já na primeira infância, assim como as crianças brancas reproduzem crenças racistas desde muito cedo¹⁸. O racismo é uma ideologia que se sustenta pelas premissas da existência de uma casta superior; por isso, os signos são essenciais para o perpetuamento dessas crenças. Volóchinov afirma:

A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo sógnico ideológico, não sobrá absolutamente nada dela.¹⁹

Os signos ideológicos que representam as classes dominantes brasileiras impõem uma sistemática observação de construtos sociais eurocêntricos positivos face a desvalorização ou invisibilidade de construtos sociais africanos. A ideologia que estes signos carregam, influencia a percepção dos brasileiros em relação ao meio social em que estão inseridos, assim como a imagem que construíram de si mesmos. A influência dos signos ideológicos na vida da população brasileira requer um estudo amplo e aprofundado.

¹⁸ CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. São Paulo: Ed. Contexto. 2000; PINHO, Vilma A.; SANTOS, Suelen L. Um estudo sobre crianças negras no contexto da educação infantil. *Revista da Faed*, v. 22, ano 12, no 2 (jul/dez 2014). Disponível em: http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_22/artigo_22/81_98.pdf Acesso em: 03 maio 2020.

¹⁹ VOLÓCHINOV, 2017, p. 97-98.

Depoimentos - o cabelo crespo no mundo corporativo

Ana (nome fictício) tinha 50 anos na época da geração de dados. Ela era secretária executiva em um grande escritório na cidade de São Paulo. Ao caminho do trabalho, a participante Ana ouviu sugestões de uma pessoa estranha no elevador de como lidar com seus cabelos crespos:

[...]. Teve uma ocasião que eu entrei no elevador com uma senhora branca, aí ela falou assim: “- Aí, você é secretária? Você é tão elegante.” Eu nunca tinha visto a mulher na minha frente ou não tinha prestado atenção! Daí ela falou assim: “- mas o seu cabelo fica melhor solto. Faz escova ou alisa.” Eu nunca tinha visto a mulher na minha frente! Eu continuei ali, em pé, olhando para frente. Então eu disse: “- Muito obrigada.” O que eu iria responder para aquela mulher? Não é da sua conta?

Algumas profissões exigem um determinado estilo de vestimenta. Muitas vezes, a roupa é um símbolo que identifica o profissional. As secretárias, por exemplo, devem usar roupas formais, discretas e elegantes. Certamente a participante Ana sabe se vestir para o trabalho; entretanto, vezes afirmam que o seu cabelo crespo deve ser alisado ou escovado para que se encaixe no padrão desejável.

A participante Valéria (nome fictício) tinha 37 anos e trabalhou como gerente em uma empresa multinacional. Ela era a única pessoa negra da equipe. A participante narra o momento que seu cabelo se tornou motivo de conflito entre ela e uma colega de trabalho:

[...] nessa minha última atuação, eu tinha um cargo de gerência em uma multinacional. É triste você ver que não tem negros, né, eu era uma única negra num cargo de gerente num andar com mais de 100 pessoas. [...] eu gerenciava a área de treinamentos, ia ter um evento:
 ((Colega de trabalho)) Você vai de escova, né?
 ((Participante)) Pra quê?
 ((Colega de trabalho)) Não, mas você vai de escova.
 ((Participante)) Não. Não gente, não tem isso não. Eu vou assim normal. Você vai fazer escova para ir?
 ((Colega de trabalho)) Não. Ah, mas o meu cabelo é liso!
 ((Participante)) E o meu? O meu é ótimo, fica tranquila.
 Sabe? É complicado, é difícil. Existe mesmo uma coisa muito forte que a gente tem que lutar sempre aí, no dia a dia.

Parece que a simples presença dos cabelos crespos pode ser vista como uma provocação por algumas pessoas em certos ambientes porque tal qual um ato de rebeldia, eles afrontam a ordem social imposta pela ideologia que diz: o cabelo liso é bom e é o único aceitável; portanto, esse é o padrão que deve ser seguido. Nesta conflituosa relação entre brancos e negros parece que a cor da pele pode ser mais tolerada do que a textura e volume dos cabelos crespos.

Nos Estados Unidos a discussão sobre o cabelo da mulher negra sempre esteve nas agendas da mídia e dos estudos acadêmicos das áreas da Sociologia, Antropologia, Psicologia etc. Segundo

Banks²⁰, dentro da comunidade afro-americana existem duas vertentes de pensamentos sobre o estilo de cabelo que a mulher afro-americana deve usar: a escola de pensamento nacionalista e a de pensamento assimilacionista. A escola nacionalista defende o uso do cabelo natural como parte constitutiva da identidade negra. Para essa escola, qualquer alteração na textura do cabelo da mulher negra está relacionada com a baixa-autoestima e auto ódio; por outro lado, a escola de pensamento assimilacionista acredita que a manipulação da textura dos cabelos é benéfica para as mulheres e que o alisamento de seus cabelos não significa que a mulher afro-americana queira ser uma pessoa branca. Essa escola defende a integração das diferentes etnias e sua importância numa sociedade historicamente segregada.

Há ainda diversos documentários que discutem a simbologia do cabelo crespo natural. O documentário de Chris Rock intitulado *Good Hair* (2009) é um dos mais famosos. Em tom de comédia, ele busca entender a simbologia dos cabelos para as mulheres afro-americanas. Nesse documentário, o comediante Paul Mooney faz uma rima engraçada e provocativa sobre a questão do cabelo crespo que se tornou célebre no seu país. Ele diz: “- *If your hair is relaxed, white people are relaxed. If your hair is nappy, they are not happy*”. (Se os seus cabelos estiverem alisados, os brancos vão se sentir confortáveis. Se o seu cabelo estiver natural, eles não vão achar isso normal (TRADUÇÃO MINHA). O comentário do comediante ainda causa muitas controvérsias.

Como vimos pelos depoimentos das participantes, o cabelo crespo e penteados étnicos frequentemente provocam avaliações negativas nos discursos e estão relacionadas aos Discursos Racistas. Tais avaliações causam prejuízos de ordem emocional e econômica para as participantes. Entretanto, as participantes refratam esses discursos por meio da contestação e autorreflexão. A refração se torna então um municiamento político e reveses rumo ao empoderamento social. Na próxima seção, veremos como as avaliações negativas referentes ao cabelo crespo são refratadas nos discursos das participantes.

O cabelo alisado como signo de beleza e o cabelo crespo como ato político

Outra característica dos cabelos crespos como signo ideológico é sua frequente associação aos posicionamentos políticos de resistência negra em oposição à assimilação de valores eurocêtricos. A participante Fabiana (nome fictício), 39 anos, arquiteta, deixou de alisar os seus cabelos há mais de 10 anos. Filha de mãe negra e pai branco, ela afirma que sua mãe sempre a conscientizou sobre questões étnico-raciais para que ela desenvolvesse uma identidade negra consciente e positiva.

²⁰ BANKS, 2000.

Porém, ela não entendia o porquê de sua mãe a levar para alisar os cabelos. Quando ela a questionava, sua mãe respondia que a menina ficaria mais bonita com os cabelos alisados. Muito vaidosa, ela aceitava a justificativa, mas não conseguia evitar o desconforto causado pelo alisamento de seus cabelos:

[...] Eu me identifiquei muito aqui com o texto por conta da violência que essa criança sentia, porque ela falava que doía o pescoço, e doía muito isso aqui ((A participante aponta para a região do pescoço.)) Enquanto eu ficava lá naquela cadeira com aquela capa: e passa e estica e passa o produto, espera não sei quanto tempo, depois passa de novo, estica de novo e aquele cheiro horrível, e depois aquelas feridas. É um absurdo! E depois enrolava o cabelo e puxava, botava bobs, então, eh, eh / então, eu fui violentada. A gente já vem convivendo com a violência desde criança. É muito sofrimento para se encaixar num padrão que não tem o menor sentido. Então realmente assim foi uma LI-BER-TA-ÇÃO quando eu fiquei com o cabelo natural! Mudou a minha vida! Eu acho que o cabelo foi emblemático, né, mas foi uma transformação em todos os sentidos, em todas as áreas da vida. Então é/eu, eu já sabia que era negra, eh, eh, internamente, conscientemente, mas depois, com o cabelo natural, o mundo soube que eu sabia que eu era negra. ((Risos)) E aí, eu entendi que era um ato político também, que você também fala através do seu/ de você, né, assim como se apresenta, tal. Então foi um ato. É muito interessante a gente começar essa conversa, esse trabalho através do cabelo, né?

O discurso de Fabiana aponta para duas representações importantes do cabelo como signo ideológico, o alisamento como padrão da beleza para a mulher negra e o uso do cabelo crespo natural como ato político. No que se refere a questão da beleza, os psiquiatras Grier e Cobbs²¹ afirmam que as mães afro-americanas penteiam e escovam o cabelo de suas filhas para que elas fiquem mais bonitas do que são; entretanto, a única coisa que elas conseguem, é deixar suas meninas com uma aparência aceitável. Eles acrescentam:

Um aspecto da vida da mulher negra, que atrai pouca atenção daqueles que estão de fora, tem a ver com seus cabelos. Desde o momento do nascimento, a menina negra é submetida à esforços que visam mudar a aparência de seu cabelo. Quando ela é um bebê, seu cabelo é escovado e acariciado, mas em pouco tempo, a escovação suave dá lugar a uma escovação mais vigorosa e, finalmente, ao penteado. Seu cabelo é crespo e penteá-lo é doloroso, mas a sua mãe deve domá-lo. Enquanto viver, a mulher negra levará em sua memória o penoso ritual diário de pentear o cabelo.^{22 23}(TRADUÇÃO MINHA)

Os autores naturalistas acreditam que mudar a textura do cabelo das mulheres e crianças afro-americanas não vale a pena devido ao sofrimento e humilhação a que são submetidas. Uma mulher branca que escova o seu cabelo ficará com uma aparência aceitável e não sentirá o mesmo desconforto

²¹ GRIER, Willian H. & COBBS, Price M. *Black rage*. Oregon: Wipf and Stock publishers, 1992.

²² GRIER & COBBS, 1992, p. 38.

²³ One aspect of the black woman's life, which attracts little attention from outsiders, has to do with her hair. From the time of her birth, the little girl must submit to efforts aimed at changing the appearance of her hair. When she is a babe in arms her hair is brushed and stroked, but in short order the gentle brushing gives way to more vigorous brushing and ultimately combing. Her hair is kinky and combing is painful, but her mother must hold her to submit to it. As far as back as her memory will take her, the black woman recalls the painful daily ritual of having her hair combed. (GRIER & COBBS, 1992; p. 38)

de uma mulher negra. Além disso, a criança negra carregará as recordações desse sofrimento por toda a sua vida e, certamente, fará deduções equivocadas sobre si mesma e sobre o seu cabelo. Quando adulta, ela poderá nutrir sentimentos de mágoa em relação à mãe devido ao doloroso ritual de pentear os cabelos. O cabelo crespo definitivamente não precisa ser frequentemente manuseado e existem estilos e penteados apropriados para este tipo de cabelo que certamente diferem daqueles usados em cabelos lisos.

Os autores discorrem sobre a comunidade afro-americana; entretanto, a maneira como o racismo atinge a diáspora africana em diferentes regiões do planeta é muito similar em vários aspectos. Munanga²⁴ afirma que há uma unidade entre os negros do mundo em termos psicológicos e históricos. Por isso, acreditamos que os signos ideológicos sejam muito similares em todos os lugares onde o racismo atua.

A maioria das mulheres têm uma relação muito subjetiva com os cabelos. Todavia, a maneira como os signos ideológicos afetam a subjetividade das mulheres negras e brancas é bastante distinta. Enquanto a mulher branca tem cabelos que significam feminilidade e beleza na nossa sociedade, a mulher afrodescendente tem que lutar para que o seu cabelo seja aceito e respeitado nessa mesma sociedade. Para Gomes²⁵, tanto a beleza e como a feiura são construções sociais; porém, “quando a ideia de beleza é construída por um grupo, num contexto de dominação ou de diferenciação cultural, ela pode servir não só de marca distintiva como também discriminatória”²⁶.

As mensagens que os signos ideológicos refletem na sociedade não são uma escolha individual uma vez que elas são sistematicamente incutidas na coletividade por meio de representações culturais e discursos. Essas mensagens agem arbitrariamente nas consciências individuais, porém, afetam a vida dos indivíduos de maneira muito particular, pois quando uma crença ideológica é refratada, ela fica sujeitada aos juízos avaliativos subjacentes a experiência de vida, nível de escolaridade, posição social, gênero, etnia, crenças, entre outras variantes.

Fabiana elevou a sua qualidade de vida consideravelmente quando deixou de usar produtos químicos para alisar os cabelos e decidiu adotar um estilo natural. Em tom enfático, ela afirma que foi uma libertação porque ela se sentiu livre para se mostrar ao mundo como ela realmente é. O cabelo alisado lhe causava estranhamento diante do espelho. Também foi um ato político porque na sua relação de alteridade com o outro, ela pode reforçar a sua identidade negra e reivindicar uma representação positiva para o seu grupo de pertença. Para ela, assumir os cabelos crespos foi uma

²⁴ MUNANGA, Kabengele. *Negritude – usos e sentidos*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

²⁵ GOMES, 2006.

²⁶ GOMES, 2006, p. 289.

decisão que impulsionou uma mudança interna, e transformações externas ocorreram em consequência desse novo posicionamento.

Segundo Volóchinov²⁷, os signos ideológicos sempre transmitem algum grau de ambiguidade. Isso ocorre porque todo signo é constituído de uma fluidez no sentido que carrega uma certa indeterminação semântica. Enquanto mostram uma especificidade, escondem outra. As ideologias que envolvem os cabelos crespos, por exemplo, são opostas e se contradizem. Se por um lado, eles provocam um efeito negativo na mente de algumas pessoas, eles também se constituem como símbolo da beleza negra, resistência e empoderamento para outras. Por isso, a sua interpretação como signo poderá ser sempre refutada.

O recrudescimento do racismo reivindica discursos de resistência mais intensos e frequentes. O relato da participante Fabiana está em consonância com os discursos de vanguarda dos movimentos das mulheres negras espalhados por várias partes do Brasil. Os objetivos desses movimentos é fortalecer a autoestima da mulher afrodescendente para que ela possa atuar como sujeito político em suas comunidades. Para isso, é necessário que ela se sinta fortalecida e preparada para transformar as relações étnico-raciais ao seu redor, lutar por justiça social, contra o sexismo e todas as formas de opressão.

A Bamidelê, por exemplo, é uma organização não governamental fundada em 2001 no estado da Paraíba, que atua em diversas pautas relacionadas às mulheres negras. A organização tem lançado campanhas de Afirmção da Identidade Negra para incentivar a autodeclaração da ancestralidade africana, provocar discussões sobre as relações étnico-raciais no Brasil e conscientizar suas integrantes sobre os seus direitos civis. Segundo o site da organização, a campanha utiliza o bordão Morena não, Eu sou Negr@ em camisetas, panfletos, adesivos, além de vídeos com artistas e outras pessoas proeminentes no Youtube para empoderar as mulheres negras.

Em São Paulo, a deputada Leci Brandão conseguiu que seu projeto para a criação do Dia do Orgulho Crespo, a ser celebrado anualmente no dia 26 de julho, fosse aprovado. Como resultado, a primeira Marcha do Orgulho Crespo ocorreu em São Paulo em 26 de julho de 2015 e já alcançou outros estados. Esse movimento valoriza a estética afro-brasileira, o resgate da identidade negra através dos cabelos crespos, a autoestima, a representatividade e o protagonismo das mulheres negras. O esforço desses grupos efetivamente tem contribuído para mudar as representações negativas que envolvem os cabelos crespos como signo ideológico. Essa nova visão dos cabelos crespos certamente beneficiará muitos aspectos da vida dos afro-brasileiros.

Volóchinov afirma que:

²⁷ VOLÓCHINOV, 2017.

Como sabemos, todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas de sua interação. A mudança dessas formas acarreta uma mudança de signo. Acompanhar a vida social do signo verbal deve ser uma das tarefas da ciência das ideologias.²⁸

Como consequência desses movimentos organizados pelas mulheres negras na sociedade brasileira, algumas palavras vêm sendo ressignificadas, como é o caso da palavra empoderamento, derivada da língua inglesa: *empowerment*. No dicionário Collins Cobuild²⁹ empoderar significa: *to do something, they have the legal authority or power to do it* (Fazer algo que se têm autoridade legal ou poder para fazê-lo.) (TRADUÇÃO MINHA).

A palavra empoderamento possui um caráter sógnico que se tornou muito popular na década dos anos de 1980, quando o psicólogo americano Julian Rappaport a empregou em sua teoria sobre empoderamento. A teoria propõe empoderar os cidadãos para que eles promovam a saúde em suas comunidades³⁰ através de trabalho social. Essa perspectiva de transformar o cidadão comum em sujeito ativo se expandiu para outras áreas além da medicina comunitária e da psicologia social, tais como as ciências sociais e a educação. De modo geral, o conceito sugere determinação individual e participação democrática na vida da comunidade através das instituições, como escola, igreja, associações de bairro etc.

Por outro lado, para Freire e Shor³¹, o conceito de empoderamento norte-americano tende a supervalorizar o individualismo. Segundo Freire, no contexto latino-americano, o conceito de empoderamento está mais relacionado à luta de classes. Para o autor, a libertação não é individual, mas um ato social:

A questão do *empowerment* da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. Isso faz do *empowerment* muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta.³²

As concepções de empoderamento reveladas pelas participantes se aproximam da visão de Freire e Shor³³ no que se refere a luta de classes, mas também envolvem aspectos do empoderamento

²⁸ VOLÓCHINOV, 2017, p. 109.

²⁹ Dicionário *Collins Cobuild – English language Dictionary*. University of Birmingham. London: Harper Collins Publishers, 1993, p. 462.

³⁰ RAPPAPORT, Julian. In praise of paradox. A social policy of empowerment over prevention. *American Journal of Community Psychology*. Vol. 9. No 1. 1981, p. 1–25. Disponível em: <https://grow.ie/wp-content/uploads/2012/03/In-Praise-of-Paradox-A-Social-Policy-of-Empowerment-Over-Prevention-.pdf> Acesso em: 03 maio 2020.

³¹ FREIRE, P., & SHOR, I. *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1986.

³² FREIRE; SHOR, 1986, p. 72.

³³ FREIRE; SHOR, 1986.

psicológico em seus relacionamentos intrapessoal e interpessoal. Ao assumir os cabelos naturais, transformações internas e externas ocorreram na vida das participantes. Elas se conscientizaram que haviam internalizados crenças racistas, perceberam que todos os seus ídolos eram brancos e que haviam sofrido violência ainda na infância para se encaixar em um padrão que não era o delas. Ao assumir o cabelo crespo, elas mostraram para o outro que elas eram negra e sabiam que eram negras.

A participante Viviane diz: “Eu estou nesse processo de empoderamento [...]”. Para ela, empoderamento é um processo que envolve aceitar o seu próprio cabelo crespo e adotá-lo em estilo natural em todos os ambientes que circula, inclusive no trabalho. É também saber lidar com o estranhamento exagerado dos colegas e suas piadas e fazê-los entender que manter os seus cabelos naturalmente crespos é fundamental para ela. Viviane diz: “é resistência diária. Todo dia tem um ali. Mas, assim, eles estão começando a se acostumar.”

Na época da geração de dados, a participante Laura (nome fictício) tinha 34 anos. Ela é advogada. Laura acredita que a Marcha do Orgulho Crespo tem colaborado para mudar a indústria de cosméticos. Muitas empresas estão percebendo o poder de compra da população afro-brasileira e estão se preocupando em produzir produtos específicos para os cabelos crespos. Como consumidora exigente, as mulheres afro-brasileiras querem produtos de excelência para os seus cabelos. Laura diz:

[...] a gente mudou o esquema da indústria de beleza, gente. [...] Eu acho que um dos caminhos é conquistar posições de poder, conquistar economicamente, mostrar que você tem poder econômico porque aí o mercado tem que mudar, e aí a estética tem que mudar e eles têm que contratar mulheres lindas e mostrar o cabelo delas lá, para que eu fale assim: - “Vou comprar essa marca; porque se eu não me vejo, eu não compro. Você vai me mostrar se o que você tem a me oferecer é o que eu quero. Se não for, não tem problema, eu importo. Ana – É uma questão de empoderamento.

Para essas participantes, empoderamento significa poder econômico para exigir do mercado brasileiro produtos que sejam adequados para os seus cabelos. Além disso, Laura quer que as campanhas publicitárias desses produtos exibam lindas mulheres afro-brasileiras para representá-la. Isso porque ela deseja que o seu cabelo crespo seja um signo associado à beleza e ao poder econômico. Para Volóchinov³⁴, todo signo ideológico está intrinsecamente relacionado às premissas socioeconômicas do grupo ao qual pertence. Uma vez que as mulheres afro-brasileiras estão conquistando espaços de poder na sociedade, elas reivindicam novas representações para o seu corpo.

Considerações Finais

³⁴ VOLÓCHINOV, 2017.

Artisticamente modelados como linguagem humana, os cabelos crespos sempre tiveram uma forma muito peculiar de se comunicar. Em tempos de glória, eles classificaram os cidadãos africanos por etnia, classe social, religião, estado civil etc.; durante a escravidão nas Américas, entretanto, perderam sua altivez, foram subjugados e obrigados a se calar por um longo período. Contudo, ninguém pode mudar a sua natureza comunicativa. Hoje, além de ser um símbolo indelével da identidade negra, ele também é um signo ideológico que sinaliza a luta de cada cidadão afrodescendente por sobrevivência e resistência na sociedade brasileira.

As ideologias que envolvem os cabelos crespos se materializam nos discursos racistas e nos discursos de resistência que ocorrem cotidianamente em nossa sociedade. Ao longo da história, os discursos racistas se basearam em signos para justificar a exploração econômica dos povos africanos e sua diáspora. A crença de que os cabelos crespos são ruins e precisam ser domados certamente teve seus fundamentos no Brasil Colônia durante o período da escravatura. Essa crença fazia parte de um conjunto de concepções ideológicas que tinha por objetivo desqualificar os africanos e seus descendentes, tirar-lhes a dignidade humana, destruir sua autoestima e moldá-los para serem escravos. Após a emancipação dos escravizados, as ocorrências de palavras racistas poderiam ter se tornado menos frequentes nas interações verbais, todavia, elas foram reforçadas e renovadas pelos discursos eugenistas brasileiros no início do século XX.

Embora tenha havido progressos nas últimas décadas, os afro-brasileiros continuam a ser desrespeitados por causa de seu cabelo crespo, principalmente as crianças no ambiente escolar e adultos no ambiente de trabalho. Esses setores são cruciais para o desenvolvimento socioeconômico desse segmento da população. Os efeitos negativos derivados do cabelo como signo ideológico podem atingir outros aspectos da vida dos afro-brasileiros, tais como a autoestima, relacionamentos interpessoais, saúde física etc. A influência dos signos ideológicos na vida da população é um fenômeno social importante e não deve ser negligenciado.

Para Volóchinov³⁵, toda ideologia precisa de um material sógnico para se apoiar e se manter viva. A relação entre signos reflete e refrata ideologias, por isso, os cabelos crespos sógnicos também sinalizam a luta e a resistência do afrodescendente, em especial das mulheres negras do Brasil. O discurso de resistência feminino afirma que os cabelos crespos são belos, símbolos de empoderamento, autoestima, identidade negra, orgulho e liberdade. Esse discurso é estimulado e repetido cotidianamente por movimentos sociais organizados por mulheres negras, e por grupos de

³⁵ VOLÓCHINOV, 2017.

jovens negros nas redes sociais que discutem incansavelmente as relações étnico-raciais no Brasil e exterior.

A luta das mulheres negras na sociedade brasileira por igualdade, respeito social e sua constante preocupação com os filhos, por causa do racismo e seus efeitos, não é recente. Algumas mães negras alisam os cabelos de suas meninas não somente porque elas acreditam na beleza dos cabelos alisados, mas principalmente porque temem que suas filhas sejam alvo de *bullying* por causa de seus cabelos crespos. A atitude protetora dessas mães está em concordância com o pensamento assimilacionista no sentido que elas buscam igualdade racial na tentativa de aproximar os fenótipos africanos e caucasianos. Muitas dessas mães podem acreditar na democracia racial brasileira. Por outro lado, existem mães que pensam justamente o contrário, elas incentivam as suas filhas a aceitar e a amar os seus cabelos crespos. Para essas mães, é por meio do cabelo crespo assumido que suas meninas desenvolverão uma autoestima elevada e uma identidade negra combatente e orgulhosa de si mesma. Embora, ambas as atitudes sejam formas de luta, teoricamente elas são excludentes e dividem opiniões dentro de um mesmo grupo.

Neste artigo, enfatizamos o papel do cabelo crespo como signo ideológico. Seria correto que a mulher afro-brasileira pudesse ter a liberdade de escolher o seu estilo de cabelo, textura ou penteado sem que com isso estivesse comprometida com alguma ideologia. Contudo, para que isso fosse possível, seria necessário que os cabelos deixassem de ser sígnicos em nossa sociedade ou, se ainda o fossem, que representassem apenas a beleza da diversidade de nosso país e não fizessem oposição aos cabelos lisos sígnicos. Trata-se, no entanto, de um pensamento utópico porque as desigualdades dominam a sociedade brasileira. Os afrodescendentes, apesar de serem maioria no Brasil, não estão representados nos espaços de poder na mesma porcentagem populacional e, ao contrário, permanecem majoritariamente concentrados nas áreas mais pobres do país. Os cabelos da população brasileira como signo ideológico, sinalizam conflitos, desigualdades e lutas de classes. Os signos ideológicos existem, não por escolhas individuais, mas sociais. Entretanto, quando nos posicionamos, seja qual for a nossa escolha, somos responsáveis pelas ideologias que permeiam os nossos discursos.

Para Fanon³⁶, um judeu pode evitar a discriminação se negar a sua identidade; porém, o negro jamais poderá fazê-lo. O autor afirma que a discriminação para o negro é “epidérmica”, isto é, está na sua epiderme negra e nos seus traços africanos. O corpo do negro não passa despercebido em locais frequentados exclusivamente por brancos. A sua aparição é sígnica. Por isso, o autor faz uma súplica que pode ser estendida a toda a diáspora africana: “Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem

³⁶ FANON, 2008.

que questiona”³⁷. Parafraसेamos Fanon para expressar o nosso desejo a todas as mulheres negras - que elas também possam dizer com muita propriedade: “Ô meu cabelo, faça sempre de mim uma mulher que questiona!”.

Referências

BANKS, Ingrid. *Hair Matters: beauty, power, and Black women’s consciousness*. New York and London: New York University Press, 2000.

BENEDUZI, Luis F. – *Antítese*, v. 4, no 7, p. 13-30 jan.-jun., 2011 Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 03 maio 2020.

BIRD, Ayana; THARPS, Lori L. *Hair story: untangling the roots of black hair in America*. New York: St. Martin’s Griffin, 2001.

BRAIT, B. & CAMPOS, M. I. B. « Da Russia Czarista à web”. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo, Contexto, 2009; p.15-30.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin outros conceitos chaves*. São Paulo: Editora Contexto; p, 9.

CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

COSTA, Luiz R. *A questão da ideologia no Círculo de Bakhtin: E os embates no discurso de divulgação científica da revista Ciência Hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.

Dicionário *Collins Cobuild – English language Dictionary*. University of Birmingham. London: Harper Collins Publishers, 1993.

DE SOUZA FREITAS, Geisiane C. Cabelo crespo e mulher negra: a relação entre cabelo e a construção da identidade negra. *Ideologando: Revista de Ciências Sociais* da UFPE, v. 2, n. 2, p. 65-87, jan. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ideologando/article/view/238062>>. Acesso em: 03 maio 2020.

FANON, Frantz. (Tradução de Renato da Silveira). *Pele negra máscara branca*. Salvador: EUFBA, 2008.

FREIRE, P., & SHOR, I. *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1986.

GOMES, Nilma L. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. São Paulo: Autêntica, 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

GRIER, Willian H. & COBBS, Price M. *Black rage*. Oregon: Wipf and Stock publishers, 1992.

³⁷ FANON, 2008, p. 191.

MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

MARTINS, Silvana. Impressões de uma Infância. In: *Cadernos Negros*. São Paulo. Quilombhoje. 2013. V. 36: contos afro-brasileiros.

MEDVIÉDEV, Pável N. *O método formal nos estudos literários* – Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Ekaterina Vólkova Américo & Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin conceitos-chaves*. São Paulo: Ed. Contexto, 2017.p. 167-176.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude – usos e sentidos*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PINHO, Vilma A.; SANTOS, Suelen L. Um estudo sobre crianças negras no contexto da educação infantil. *Revista da Faed*, v. 22, ano 12, no 2 (jul/dez 2014). Disponível em: http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_22/artigo_22/81_98.pdf Acesso em: 03 maio 2020.

RAPPAPORT, Julian. In praise of paradox. A social policy of empowerment over prevention. *American Journal of Community Psychology*. Vol. 9. No 1. 1981, p. 1–25 . Disponível em: <https://grow.ie/wp-content/uploads/2012/03/In-Praise-of-Paradox-A-Social-Policy-of-Empowerment-Over-Prevention-.pdf> Acesso em: 03 maio 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico da ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo São Paulo: Editora 34, 2019.